

CRÔNICA

Ana Lúcia Moura • nalumouradf@gmail.com



Encontros noturnos nas 700

Dizem que Brasília não tem esquinas, mas foi em uma esquina das quadras 700 da Asa Norte que eu caí no brega um dia desses. Sob a marquise de um dos clássicos prediozinhos comerciais de três andares, daqueles de janelas gradeadas e sem varanda, cantei e dancei Amado Batista, Odair José, Evaldo Braga, Lindomar Castilho, Reginaldo Rossi, em meio a um aglomerado de gatos pingados que teimavam em atrasar o fechamento do bar, pouco depois da meia-noite. Uma cena tipicamente brasiliense. A novidade é o endereço.

O reduto de elétricas, casas de colchões, lojas de tintas e oficinas que acompanha a área residencial vem dando lugar a esconderijos culturais como esse. No Radiola, onde eu estava, de tempos em tempos tem baladas de fim de tarde com DJs no comando. Na noite do brega, o trio era poderoso: La Ursa, Laine D'Olinda e Carol Costa.

As 700 da Asa Norte, um lugar sem tradição cultural, quase decadente, vem revelando surpresas. A 10 quadras dali, próximo a outra esquina, encontro o Jamburitas, um cubículo com mesinhas do lado de fora sobre a calçada, comida paraense e drinques produzidos com cachaças da Amazônia.

Logo ao lado, igualmente em outro prediozinho de três andares, tenho frequentado também o Barito, um bar de drinques bem preparados instalado no meio de um brechó de

roupas exóticas e até vestidos de noiva. Um lugar nada comum em Brasília. Gosto de sentar do lado de fora, em um beco estreito com meia dúzia de mesas e cadeiras altas, um pedacinho de chão que sobrou entre o prédio do estabelecimento e o edifício ao lado. Entre um drinque e outro, risadas e confidências com as amigas, observo os transeuntes e os gatos que utilizam a passagem, enquanto ouço a playlist de algum DJ convidado.

Também gosto de observar o movimento de passantes de uma das simpáticas cadeirinhas de praia do Papy Massas, que fica a duas quadras antes e serviu como ponto de referência de uma dezena de blocos carnavalescos agora em fevereiro e de fanfarras de todo o país em setembro passado, durante o Honk Brasília. Apinhada de gente adornada com glitter e pouca roupa, a apertada rua



de mão dupla e com prédios cinza ganhou um novo sentido durante aqueles dias.

No Papy Massas, enquanto como uma fatia de pizza com a mão, como propõe o lugar, e tomo um drinque autoral, reflito sobre essa Brasília de 2024. A cidade cresce e ganha novas configurações. Espaços improváveis no desenho urbano original vão sendo ocupados por artistas,

boêmios e todos que vivem Brasília na sua intensidade, como aconteceu com o Eixão Norte. Há 10 anos, a pista fechada para os carros aos domingos atraía apenas corredores, ciclistas e algumas famílias sob o sol escaldante do Cerrado. Raro era encontrar um vendedor de água. Hoje, virou um ponto de cultura que reúne milhares e atrai um comércio com toda sorte de itens.

Brasiliense que sou, nascida e criada nessa cidade que eu amo, acompanhei as discussões sobre a proposta de se abrir o Eixão aos domingos para a população. Muitos foram contrários, e eles não tinham razão. A cidade ganha com a diversificação de espaços de lazer e cultura, com a descoberta de novas possibilidades. A cidade é viva e merece ser ocupada, em todos os seus detalhes. Ocupem Brasília!